

A VIAGEM COMO TRANSFORMAÇÃO DE SI E DO OUTRO: PRÁTICA RELIGIOSA EM FÉLIX OU O LIVRO DAS MARAVILHAS DE RAIMUNDO LÚLIO

THE JOURNEY AS A TRANSFORMATION OF SELF AND OTHERS:
RELIGIOUS PRACTICE IN FÉLIX OR THE BOOK OF WONDERS BY
RAMON LLULL

Saymon Siqueira

Universidade Federal de Goiás
saymon.siqueira@discente.ufg.br

Adriana Vidotte

Universidade Federal de Goiás
adriavidotte@ufg.br

Resumo: Consoante ao tema do dossiê, a figura de Raimundo Lúlio nos permite duas formas de pensar as práticas religiosas e a circulação de mediadores no Medievo. Por um lado, consideramos a própria figura de Lúlio, um intelectual e místico que transitou por caminhos físicos, visitando cortes, centros de aprendizado e locais de peregrinação religiosa, na busca incessante de disseminar seus projetos de fundo teológico e filosófico. Por outro lado, analisamos uma de suas obras, *Félix ou o Livro das Maravilhas*, destacando os deslocamentos como uma jornada interior, onde o personagem embarca em uma peregrinação espiritual e filosófica em busca do conhecimento divino, simbolizando a transformação pessoal através da fé e da razão.

Palavras-chaves: Raimundo Lúlio; Viagem medieval; Cristianismo.

Abstract: According to the theme of the dossier, Ramon Lull allows us two ways of thinking about religious practices and the circulation of mediators in the Medieval period. On the one hand, we consider the figure of Lull himself, an intellectual and mystic who traveled through physical paths, visiting courts, learning centers and places of religious pilgrimage, in the incessant quest to disseminate his theological and philosophical projects. On the other hand, we analyze one of his works, *Félix or The Book of Wonders*, highlighting the movements carried out by the character as an inner journey, where the character embarks on a spiritual and philosophical pilgrimage in search of divine knowledge, symbolizing personal transformation through faith and of reason.

Keywords: Ramon Lull; Medieval journey; Christianity.

Introdução

Raimundo Lúlio (Ramon Lull), filósofo, teólogo e missionário maiorquino do século XIII, destaca-se como uma das figuras mais complexas e influentes do

pensamento medieval europeu. Autor prolífico, cuja obra, que soma cerca de 300 títulos, abrange desde tratados filosóficos e teológicos até narrativas literárias e apologéticas. O contexto cultural, marcado pela coexistência entre cristãos, muçulmanos e judeus na bacia mediterrânica e em Maiorca, influenciou profundamente seu pensamento e sua produção, permitindo que Lúlio emergisse como um mediador cultural e religioso entre as tradições abraâmicas¹.

Conforme escreveu Menéndez y Pelayo, em 1889, “La biografía de Lulio es una novela: pocas ofrecen más variedad y peripecias”². Nascido em Maiorca, por volta de 1232, durante a juventude, frequentou a corte de Jaime I de Aragão, levando uma vida mundana e aspirando ser um trovador. Em 1253, passou a servir ao Infante Jaime – futuro rei Jaime II – chegando a ocupar o cargo de senescal. Por volta de 1263, sua vida passou por uma grande transformação. Conforme relata o filósofo em sua *Vida coetânea*, após ter visto por cinco vezes imagens de Jesus crucificado, passou a seguir três objetivos: pregar para a conversão dos infiéis, escrever um livro que “fosse o melhor do mundo contra os erros dos infiéis”³ e promover a fundação de mosteiros onde os missionários pudessem estudar a língua e a cultura dos infiéis. Considerando-se um visionário, que teria recebido sua doutrina a partir de uma revelação divina, Lúlio buscou seguir o ideal apostólico e encontrar estratégias para persuadir muçulmanos e judeus da verdade que encerram os dogmas cristãos. Assim, abandonou família e bens e seguiu em uma série de viagens para centros de estudos, lugares de peregrinação do cristianismo e postos comerciais do Mediterrâneo.

Dessa forma, Raimundo Lúlio nos permite duas formas de pensar as práticas religiosas e a circulação de mediadores no Medieval. Por um lado, consideramos a própria figura de Lúlio, o intelectual e místico que viajou incessantemente, buscando realizar seus projetos de fundo teológico e filosófico. Suas viagens a centros de peregrinação, como Santiago de Compostela, Rocamadour e Roma, a importantes postos comerciais mediterrânicos, como Barcelona, Marselha, Pisa, Nápoles,

¹ PEERS, Edgar A. Ramon Llull: A Biography. Londres: Oxford University Press, 1928; BONNER, Anthony. *Doctor Illuminatus: A Ramon Llull Reader*. Princeton: Princeton University Press, 1993.

² MENÉNDEZ Y PELAYO, Marcelino: *Historia de los heterodoxos españoles*, t. I, Madrid, 1880, p. 514.

³ LLULL, Raimundo. *Vida coetânea*. Coimbra: Ariadne Editora, 2004, p. 58.

Gênova, Sicília e Chipre, a núcleos intelectuais, como Montpellier e Paris, à nova sede do papado, Avignon, a regiões islâmicas, como Bugia e Túnis, e ortodoxas, como Rodes e Ayas, ilustram não apenas sua função como mediador entre culturas, conectando o pensamento cristão com as tradições filosóficas islâmica e judaica, mas também sua inserção em uma cosmologia globalizante cristã. Por outro lado, ao acompanhar o filósofo em suas obras, vemos como ele propõe uma viagem interior, onde os personagens embarcam em uma peregrinação espiritual e filosófica em busca do conhecimento divino, simbolizando a transformação pessoal através da fé e da razão. Nesse sentido, Lúlio não só viajou fisicamente, mas também proporcionou a seus leitores um caminho para a reflexão profunda sobre a união entre fé, razão e intercâmbio cultural, característicos das práticas religiosas e da circulação de ideias e mediadores no Medievo.

*Félix ou o Livro das Maravilhas*⁴, uma de suas principais obras literárias, ilustra de maneira emblemática a tentativa de Lúlio de articular temas universais, como a moralidade, a cosmologia e o propósito humano, em um diálogo que transcende barreiras culturais e religiosas⁵. A obra insere-se em um contexto medieval que, embora frequentemente descrito como homogêneo e dominado pela fé, era profundamente diverso e permeado por trocas culturais, disputas políticas e circulação de ideias, objetos e crenças⁶.

No cerne da proposta luliana estava o uso da razão e do método combinatório, expressos em sua *Ars Magna*, para construir um sistema universal de conhecimento que promovesse o diálogo e a conversão de não-cristãos. Essa abordagem rendeu a Lúlio reconhecimento por sua mediação cultural, especialmente no tocante às três religiões abraâmicas, no Mediterrâneo medieval⁷.

⁴ Cumpre destacar que optamos pela edição crítica das obras lulianas elaborada por Anthony Bonner para a elaboração de nossas pesquisas, especialmente, em função da qualidade do trabalho filológico e histórico, uma vez que o trabalho em questão reúne traduções críticas de várias obras de Llull, incluindo Félix, com discussões detalhadas sobre a história textual e a preservação dos manuscritos.

⁵ BONNER, Anthony. *The Art and Logic of Ramon Llull: A User's Guide*. Leiden: Brill Academic Publishers, 2007.

⁶ PUIG, Jaume de. *Ramon Llull and Lullism at the Institute for Catalan Studies, 1907–2015*. *Contributions to Science*, v. 12, n. 1, p. 35–46, 2016.

⁷ AUSTIN, Amy M.; JOHNSTON, Mark D. (eds.). *A Companion to Ramon Llull and Lullism*. Leiden: Brill, 2018.

Como mostram suas narrativas autobiográficas, incluindo a *Vita Coaetanea*, Lúlio dedicou sua vida ao ideal de união espiritual e intelectual entre as tradições religiosas, utilizando viagens e debates como ferramentas de disseminação de sua visão universalista⁸.

Este artigo propõe analisar como *Félix ou o Livro das Maravilhas* reflete as dinâmicas de circulação cultural e religiosa do período, com foco no trânsito de crenças, práticas religiosas e ideias entre cristãos, judeus e muçulmanos. Ao abordar os diálogos e interações presentes na obra, pretendemos demonstrar como Lúlio articula valores comuns e media tensões culturais, oferecendo uma visão relevante para os estudos das cosmovisões cristãs medievais.

Considerações teórico-metodológicas

Num quadro geral, nosso artigo propõe uma abordagem de forma descolonizada e globalizada⁹. Para tanto, se ampara nos estudos de Caroline Dodds Pennock e Amanda Power¹⁰, utilizando o conceito de “cosmologia globalizante” como ferramenta para a análise de Lúlio e de sua obra. Os estudos de Pennock e Power são fundamentais porque ampliam e aprofundam as discussões historiográficas ao problematizarem os conceitos de “global” e “globalização”,

⁸ SOUZA, Guilherme Queiroz de. “Andando casi por toda la tierra?” As viagens de Ramon Llull no imaginário moderno: entre mito e história. *Revista Diálogos Mediterrânicos*, n. 19, p. 58-81, 2020.

⁹ Em que pese uma crescente e variada literatura sobre a descolonização da história medieval e sobre a história global como campo e como método de estudo, pelos propósitos do artigo, limitamos nosso diálogo com o texto de Caroline Dodds Pennock e Amanda Power (PENNOCK, Caroline Dodds; POWER, Amanda. *Globalizing cosmologies. Past & Present*, v. 238, n. suppl_13, p. 88-115, 2018). Contudo, não podemos deixar de fazer referência à obra organizada por Boucheron, *Por uma história-mundo*, cuja publicação representa um marco nos estudos de história global na historiografia francesa (BOUCHERON, Patrick; DELALANDE, Nicolas (org.). *Por uma história-mundo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015). No âmbito da historiografia ibérica, cabe mencionar o livro organizado Borja de Riquer, *Història mundial de Catalunya*, que recebeu inspiração da obra organizada por Boucheron (DE RIQUER, Borja (dir.): *Història mundial de Catalunya*, Barcelona, Edicions 62, 2018). Também sugerimos conferir: SILVA, Marcelo Cândido da. Uma história global antes da globalização? Circulação e espaços conectados na Idade Média. *Revista de História (São Paulo)*, p. a06119, 2020; REZAKHANI, Khodadad et al. Decolonizar a historiografia medieval: Introdução à ‘História da Historiografia Medieval - Novas Abordagens’. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, v. 13, n. 33, p. 19-37, 2020; BOVO, Cláudia Regina; BAYARD, Adrien. Histórias conectadas da Idade Média: abordagens globais antes de 1600. *Esboços: histórias em contextos globais*, v. 27, n. 44, p. 10-16, 2020.

¹⁰ PENNOCK, Caroline Dodds; POWER, Amanda. *Globalizing cosmologies. Past & Present*, v. 238, n. suppl_13, p. 88-115, 2018.

apontando para a necessidade de uma redefinição de paradigmas bem estabelecidos no campo da história global.

Pennock e Power criticam as abordagens que concebem a “modernidade” e o “global” como qualidades fixas, que residem apenas no presente, e não maneiras provisórias e contingentes de perceber o mundo, e propõem entender o global e a globalização como conceitos êmicos, cujas essências são transformadas por seu contexto histórico. Dessa forma, essas autoras propõem o conceito de “cosmologia globalizante”, entendida como “uma cosmologia — uma visão completa dos céus e da terra — que permite que uma sociedade pense sobre seu lugar dentro de um contexto ‘global’ claramente imaginado, conceba suas ações em tais termos e, em muitos casos, legitime agendas políticas, sociais ou econômicas com referência a processos ‘globais’”¹¹. Compreende-se que a cosmologia globalizante é muito mais que a simples compreensão do mundo, pois diz respeito a uma maneira de se envolver com o mundo por meio da cosmologia: “A cosmologia ‘globalizante’ é tipificada por um processo de engajamento, no qual as implicações da visão de mundo se traduzem em atividade tangível”¹².

Essa perspectiva nos permite analisar *Félix ou O Livro das Maravilhas* como uma janela para compreender a visão coerente de um universo ordenado, em uma cosmovisão que integra crença e prática, presente tanto na obra de Lúlio quanto na sociedade em que ela foi escrita. Partindo do entendimento de que as sociedades medievais possuíam suas próprias formas de entender o “global” e de se imaginar como atores “globalizadores” dentro desse contexto, argumentamos que Lúlio partilhava de uma compreensão clara da estrutura global da sua sociedade e estava seguro do papel que nela desempenhava, o que impactou profundamente sua prática religiosa e sua produção literária.

¹¹ [...] a cosmology — a complete view of heavens and earth — that enables a society to think about its place within a clearly envisioned ‘global’ context, to conceive of its actions in such terms and, in many cases, to legitimize political, social or economic agendas with reference to ‘global’ processes. P. 93

¹² A ‘globalizing’ cosmology is typified by a process of engagement, in which the implications of the world view translate to tangible activity. P. 93

A historiografia sobre Raimundo Lúlio revela uma figura situada nas fronteiras epistemológicas e geográficas, conforme destacado por Rafael Ramis Barceló. Lúlio operava no limite entre o pensamento cristão e as influências árabes e judaicas, desafiando as divisões tradicionais das disciplinas acadêmicas medievais e propondo uma síntese unificada do saber através de sua *Ars Magna*¹³. Essa abordagem interdisciplinar reflete o caráter do pensamento luliano, que buscava integrar filosofia, teologia e ciências em um método único, transcendente às disputas escolásticas da época. Ademais, a perspectiva teórico-metodológica adotada neste artigo nos desafia a pensar a *Ars Magna* como fruto de uma cosmovisão globalizante do século XIII que se radicaliza no pensamento de Lúlio.

Os estudos lulianos modernos têm se beneficiado de edições críticas das obras de Lúlio, como a Nova Edició de les Obres de Ramon Llull, Raimundi Lulli Opera Latina e a aclamada Selected Works of Ramon Llul para o público de língua inglesa, que forneceram acesso sistemático à vasta produção luliana¹⁴. Instituições como o Institut d'Estudis Catalans (IEC)¹⁵ desempenharam um papel importante na catalogação e na análise de manuscritos, promovendo avanços significativos no campo.

No Brasil, o Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio (IBFCRL), fundado em 1998, também desempenha um papel importante na publicação de estudos sobre Ramon Lúlio e de textos lulianos, como a tradução para o português de *Félix ou O livro das maravilhas*¹⁶. Contudo, como bem observa Souza, este Instituto adota um conservadorismo interpretativo e sua linha editorial está intimamente vinculada ao pensamento conservador e católico¹⁷.

O impacto historiográfico de Lúlio também se reflete em debates modernos sobre sua classificação como autor filosófico, teológico ou literário. Conforme

¹³ RAMIS BARCELÓ, Rafael. Presentación. Anuario Filosófico, v. 49, n. 1, p. 9–18, 2016.

¹⁴ Ramis Barceló, 2016, *Op. Cit.*

¹⁵ INSTITUT D'ESTUDIS CATALANS (IEC). Nova Edició de les Obres de Ramon Llull (NEORL). Disponível em: <https://www.iec.cat>. Acesso em: 08 jan. 2025.

¹⁶ LLULL, Ramon. Félix ou o Livro das maravilhas. 2 v. Trad. de Ricardo da Costa, com apoio do Grupo I de Pesquisas Medievais da UFES. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência "Raimundo Lúlio"/Editora Escala, 2009.

¹⁷ SOUZA, Guilherme Queiroz de. A quem pertence Ramon Llull? Considerações para descolonizar e globalizar uma experiência medieval. Topoi (Rio de Janeiro), v. 25, p. e20240027, 2024.

sugerido por Aldaz¹⁸, a produção de Lúlio é marcadamente polifônica, incorporando elementos de diferentes tradições e contextos culturais. Essa qualidade híbrida desafia categorizações rígidas e incentiva uma leitura multifacetada de sua obra, destacando sua relevância para questões contemporâneas sobre diálogo inter-religioso e integração de saberes.

Por sua vez, o *Félix ou o Livro das Maravilhas* desafia categorizações rígidas de gênero, pois integra aspectos filosóficos, teológicos e narrativos em uma estrutura única. Segundo Lola Badia, Lúlio utilizou elementos literários, como diálogos e metáforas, para dar suporte à propagação de sua filosofia e religião, transformando literatura em uma ciência medieval¹⁹. Esse uso estratégico de recursos narrativos para transmitir ideias complexas demonstra que, mesmo não sendo "literatura" no sentido moderno, Félix pode ser analisado literariamente devido à intencionalidade estética e à construção simbólica de sua narrativa.

Além disso, o hibridismo de *Félix* reflete a intersecção de retórica, filosofia e espiritualidade, um aspecto destacado por Mark D. Johnston. Em sua análise, Johnston argumenta que a retórica de Lúlio não só servia a um propósito didático, mas também buscava inspirar transformações espirituais através da forma narrativa²⁰. Essa síntese entre pregação e narrativa literária posiciona *Félix* como um texto emblemático da transição entre as funções pragmáticas e as potencialidades artísticas dos textos medievais.

Finalmente, a contribuição metodológica para a análise de *Félix* está na compreensão de como Lúlio adaptou as convenções da literatura medieval para objetivos filosófico-teológicos. Lola Badia enfatiza que suas obras empregaram a literatura como "*ancilla artis*" (auxiliar da arte), transformando-a em um veículo para promover valores espirituais e universais²¹. Essa perspectiva reforça a ideia de

¹⁸ ALDAZ, José Aragüés. Ephemeral Stories: Lull and Medieval Exemplary Literature. In: AUSTIN, Amy M.; JOHNSTON, Mark D. (eds.). *A Companion to Ramon Llull and Lullism*. Leiden: Brill, 2018.

¹⁹ BADIA, Lola. Literature as an Ancilla Artis: The Transformation of Science into Literature According to Ramon Llull. *Hispanic Research Journal*, v. 9, n. 4, p. 373-383, 2009.

²⁰ JOHNSTON, Mark D. The Evangelical Rhetoric of Ramon Llull. *Recherches de Théologie et Philosophie médiévales*, v. 63, n. 1, p. 97-118, 1996.

²¹ Badia, 2009, *Op. Cit.*

que o estudo de Félix deve reconhecer suas múltiplas camadas de significado e, ao mesmo tempo, evitar projeções anacrônicas do conceito moderno de literatura.

A relação entre Ramon Lúlio e Félix não deve ser interpretada como uma projeção biográfica direta, mas sim como um reflexo simbólico de suas preocupações filosóficas, espirituais e sociais. Segundo Mark D. Johnston, Lúlio utilizava personagens e narrativas como "espelhos" para explorar ideias universais e testar conceitos teológicos, evitando uma identificação direta com as figuras criadas²². Nesse sentido, Félix, embora compartilhe algumas das características de Lúlio, como o desejo pelo conhecimento e pela reforma moral, atua mais como um arquétipo de peregrino espiritual do que como um avatar biográfico do autor.

No entanto, as semelhanças entre Lúlio e Félix podem ser entendidas como reflexos de um contexto comum e de intenções pedagógicas. Badia ressalta que Lúlio frequentemente usava sua experiência e formação como base para construir narrativas que dialogassem com públicos diversos, empregando elementos de sua vida, como viagens e debates inter-religiosos, como inspiração para sua produção literária²³. Ainda assim, essa estratégia não implica que Félix seja uma reprodução fiel de Lúlio, mas sim uma construção que permite ao autor articular suas ideias em um formato acessível e envolvente.

A abordagem dessa relação exige, portanto, uma perspectiva equilibrada que reconheça tanto as conexões quanto as distinções entre autor e obra. Como aponta Badia, a narrativa medieval operava frequentemente com "figuras exemplares" que refletiam valores universais mais do que características pessoais²⁴. Portanto, ao analisar Félix, é essencial considerar que Lúlio usou o personagem como um instrumento para explorar temas como moralidade, reforma e espiritualidade, sem reduzir a complexidade do texto a uma mera extensão de si. Esse reconhecimento ajuda a evitar uma leitura excessivamente harmônica ou anacrônica da relação autor-obra.

²² Johnston, 1996, *Op. Cit.*

²³ Badia, 2009, *Op. Cit.*

²⁴ *Ibid.*, *passim.*

Lúlio no contexto globalizante do Mediterrâneo no século XIII

Nascido na ilha mediterrânica de Maiorca, Lúlio viveu em um período marcado por intensa circulação cultural e por profundas conexões inter-regionais entre as sociedades cristãs, islâmicas e judaicas. O Mediterrâneo medieval, situado entre a África e a Europa, era espaço de “interação, conexão, entrelaçamento e fusão cultural”²⁵; espaço de “fermentação”²⁶, de conectividade, que desafiava barreiras culturais²⁷. Em uma perspectiva “reconsiderada”, o Mediterrâneo é observado como uma fronteira líquida que proporcionava aproximações e interações entre povos, assumindo, nessa abordagem, “seu justo papel de articulador de experiências históricas entre povos tão diversos e palco dessas relações, sempre estreitas, mas não necessariamente harmônicas.”²⁸

Maiorca, sob domínio do Reino de Aragão desde 1229, era um microcosmo das interações mediterrâneas. A convivência entre cristãos, muçulmanos e judeus moldou o ambiente multicultural que influenciou profundamente a obra de Raimundo Lúlio²⁹. Maiorca era estratégica não apenas militarmente, mas também economicamente, servindo como espaço de contato entre o Ocidente cristão e o Oriente islâmico. Essa configuração multicultural catalisou a visão universalista de Lúlio. Segundo Souza³⁰, Lúlio absorveu influências do ambiente plurilíngue e multiconfessional, aplicando-as na construção de sua filosofia missionária e de sua *Ars Magna*, um sistema racional para demonstrar a unidade de Deus às três religiões abraâmicas. Lúlio compreendeu que as interações econômicas e culturais do Mediterrâneo podiam ser mediadas pela troca de ideias e pela reconciliação religiosa. Isso fica evidente em obras como o *Livro das Maravilhas*, que reflete não

²⁵ König, Daniel. “Conceitualizando a ‘História do Mediterrâneo’: perspectivas medievalísticas sobre uma categoria multifacetada.” In: ALMEIDA, Néri de Barros; DELLA TORRE, Robson (orgs.). *O Mediterrâneo Medieval reconsiderado*. Campinas: Editora da Unicamp, 2019. 15-57.

²⁶ GLACKEN, Clarence J. *Traces on the Rhodian shore: nature and culture in Western thought from ancient times to the end of the eighteenth century*. Univ. of California Press, 1967.

²⁷ SOUZA, Guilherme Queiroz de. *Ramon Llull e a Idade Média Global: Geopolítica, Integração e Diversidade*. Antíteses, v. 16, n. 32, p. 371-400, 2023.

²⁸ RODRIGUES, Everaldo A Idade Média nas águas do Mediterrâneo. Blog da Editora Unicamp. 19 mar. 2020. Disponível em: <https://blogeditoradaunicamp.com/2020/03/19/a-idade-media-nas-aguas-do-mediterraneo/>. Acesso em 13 out. 2024.

²⁹ Peers, 1928, *Op. Cit.*; Puig, 2016, *Op. Cit.*

³⁰ SOUZA, Guilherme Queiroz de. *Revisitando a literatura luliana: do nacional ao global*. eHumanista, v. 52, p. 211-226, 2022.

apenas debates teológicos, mas também a circulação de valores éticos e culturais entre os três grupos religiosos predominantes.

"Filósofo das fronteiras"³¹, Lúlio navegou não apenas as divisões geográficas e culturais, mas também os limites do conhecimento medieval. Desse modo, combinou filosofia, teologia, ciência e literatura em uma abordagem interdisciplinar. Seus escritos, frequentemente em catalão e latim, exploraram temas como a lógica, a metafísica e a teologia comparada, destacando seu compromisso com a criação de um sistema universal de aprendizado³². Lúlio não apenas propôs o diálogo religioso, mas também encarnou os valores transculturais do Mediterrâneo medieval. Ele viajou extensivamente pelo mundo mediterrânico, desde Paris até Chipre e Norte da África, em busca de interlocutores para seu projeto missionário. Segundo Souza³³, essas viagens não eram apenas diplomáticas, mas também intelectuais, refletindo o desejo de Lúlio de articular uma visão universalista que unisse ciência e fé, transcendendo as divisões religiosas. Para Souza³⁴, Lúlio é um exemplo paradigmático da globalidade medieval, com obras que revelam o impacto das conexões entre Afro-Eurásia e as interações transculturais do Mediterrâneo.

Na perspectiva das "cosmologias globalizantes", entendemos que o Mediterrâneo do século XIII nos oferece um bom exemplo de "momento globalizante", definido por Pennock e Power como "um momento em que uma sociedade ou elementos dentro dela intensificam conscientemente seu senso de si mesmos como atores globais para atingir o que podem ser fins relativamente localizados, ou para disseminar sua visão de mundo mais amplamente."³⁵ Nesse sentido, entendemos a produção luliana como resultado e expressão desse momento em que os processos globalizantes parecem ter sido vivenciados muito profundamente, atingindo uma espécie de ápice.

³¹ Ramis Barceló, 2016, *Op. Cit.*

³² RUBIO, Josep E. Lull's "Great Universal Art". In: AUSTIN, Amy M.; JOHNSTON, Mark D. (eds.). *A Companion to Ramon Lull and Lullism*. Leiden: Brill, 2018; Bonner, 2007, *Op. Cit.*

³³ Souza, 2023, *Op. Cit.*, p. 374-385.

³⁴ Souza, 2023, *Op. Cit.*, p. 385-387.

³⁵ a time when a society or elements within it consciously intensify their sense of themselves as global actors in order to achieve what might be relatively localized ends, or to disseminate their world view more widely. PENNOCK, Caroline Dodds; POWER, Amanda, 2018, *Op. Cit.*, p. 94.

No âmbito cultural, três acontecimentos ilustram bem o momento globalizante das sociedades cristãs do período: o estudo das obras do aristotelismo, a expansão das universidades e o surgimento das Ordens Mendicantes. Estes três acontecimentos nos ajudam a compreender o processo de inserção e conformação de elementos diversos na afirmação de uma visão de mundo cristã cujos agentes, como Lúlio, buscariam disseminar. Sobre a redescoberta e o estudo das obras do aristotelismo, vale destacar que esse processo, que envolveu a tradução, o comentário e a incorporação da filosofia grega na teologia cristã, foi mediado por embates teóricos com comentadores e filósofos árabes e judeus³⁶. No que diz respeito ao movimento de expansão e consolidação das universidades europeias, basta lembrar que o próprio termo "*universitas*", adotado no século XIII para se referir a essas corporações de mestres e alunos, refletia o caráter internacional e universal desses centros que, além da produção e transmissão de conhecimento, favoreciam a interação cultural, agregando professores e estudantes de diversas regiões em torno da ideia de um saber universal³⁷. Por fim, associado aos dois acontecimentos anteriores, é importante observar que o surgimento das Ordens Mendicantes se deu a partir de uma releitura das vidas dos apóstolos originais para atender objetivos daquele período. Desde o início, franciscanos e dominicanos dedicaram-se a atividades missionárias em diferentes regiões, como o norte da África, Ucrânia, Pérsia, Mongólia e China³⁸. Na base desse projeto missionário estava o desejo de implementar uma cosmologia globalizante cristã, incluindo nela diferentes povos e dissipando, assim, as cosmologias rivais.

É esse processo globalizante que a obra de Raimundo Lúlio expressa. Foi nesse contexto que, por volta de 1275, Lúlio fundou em Miramar, na ilha de Maiorca, um convento destinado à formação missionária de frades franciscanos, que aprendiam o árabe para facilitar a evangelização entre os muçulmanos³⁹. Se, por um

³⁶ MOREIRA, Alberto da Silva. As universidades e os franciscanos no século XIII. Cadernos do IFAN, n. 11, p. 07-14, 1995, p. 7-8. Disponível em: <https://www.usf.edu.br/galeria/getImage/385/688162423789156.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2025.

³⁷ *Ibid.*, p. 9-10.

³⁸ Moreira, Alberto da Silva, 1995, *Op. Cit.*, p. 11-12.

³⁹ Moreira, Alberto da Silva, 1995, *Op. Cit.*, p. 11-12.

lado, essa iniciativa pode ser entendida como um reflexo do compromisso de Lúlio com o diálogo intercultural e a disseminação do cristianismo por meio da compreensão das línguas e culturas locais, consolidando sua posição como uma figura central no intercâmbio intelectual e espiritual da época, por outro, é preciso deixar claro que Lúlio colocava assim os muçulmanos dentro da cosmologia cristã, desejando obliterar a cosmologia rival.

Circulação de ideias e cosmovisões em *Félix ou o Livro das Maravilhas*

Raimundo Lúlio concebeu o *Félix ou o Livro das Maravilhas* como uma obra de exploração espiritual e intelectual das interações entre crenças e práticas religiosas. Estruturada em forma de viagem alegórica, a obra utiliza o personagem Félix para conduzir o leitor por um panorama de reflexões sobre a relação do ser humano com o divino, em meio a um mundo diverso e muitas vezes conflituoso. Essa jornada apresenta uma visão enciclopédica da criação, abordando Deus, anjos, elementos, plantas, animais e, sobretudo, o ser humano, posicionando-o como o ápice da criação divina⁴⁰.

No prólogo, Lúlio estabelece o propósito principal da obra: “[...] este Livro das Maravilhas [...] é dividido em dez partes, a saber: Deus, Anjos, Céu, Elementos, Plantas, Metais, Animais, Homem, Paraíso, Inferno”⁴¹. Essa estrutura temática e hierárquica reflete não apenas uma classificação do universo medieval, mas também uma visão global e integrativa que abrange todas as dimensões da existência. A amplitude de temas e sua organização sugerem um trânsito de crenças e ideias, conectando o mundo terrestre ao celeste em um sistema simbólico e funcional. Nesse sentido, as cosmologias globalizantes⁴² oferecem uma chave interpretativa valiosa para entender essa integração. Para a cosmovisão medieval, a teologia natural desempenhava um papel central, conectando as observações do mundo

⁴⁰ BONNER, Anthony. Introduction. In: BONNER, Anthony. Selected Works of Ramon Llull, Vol. 2. Princeton: Princeton University Press, 1985.

⁴¹ No original: “[...] this Book of Wonders, which is divided into ten parts, namely: God, Angels, Heaven, Elements, Plants, Metals, Beasts, Man, Paradise, Hell” (LLULL, Ramon. Felix or The Book of Wonders. In: BONNER, Anthony. Selected Works of Ramon Llull, Vol. 2. Princeton: Princeton University Press, 1985, p. 660).

⁴² PENNOCK, Caroline Dodds; POWER, Amanda, 2018, *Op. Cit.*

físico às verdades espirituais e evidenciando um cosmos ordenado onde elementos materiais e divinos dialogavam constantemente. Essa visão reforça que, para as sociedades medievais, o cosmos não era uma entidade distante, mas uma extensão direta das interações humanas, legitimando tanto práticas sociais quanto estruturas políticas. Assim, a teologia natural atuava como uma ponte entre o observável e o transcendente, permitindo que os fenômenos cotidianos fossem interpretados como manifestações do divino, consolidando uma visão de mundo simultaneamente espiritual e prática.

A obra inicia com Félix recebendo do pai a missão de compreender por que os homens não conhecem nem amam Deus, apesar de sua criação ser um reflexo de sua bondade e grandeza.

Félix, filho de um homem sábio, recebeu a missão de compreender por que os homens, que estão cercados pelas maravilhas da criação de Deus, não O conhecem ou amam como deveriam. Seu pai disse: “Vá, meu filho, e busque a resposta para esta pergunta, pois ela é a chave para a salvação das almas e a glória de Deus”.⁴³

Essa introdução posiciona Félix como um mediador e questionador, disposto a interagir com diversas figuras e crenças ao longo de sua jornada. Nessa direção, uma das passagens centrais para ilustrar o trânsito de crenças ocorre no encontro de Félix com uma pastora no primeiro livro.

Senhor, Deus é a esperança, o companheiro e o conforto do meu coração, e nesta floresta estou sob Sua proteção e influência, pois Ele ajuda todos os que confiam Nele.⁴⁴

Essa afirmação inicial da Pastora demonstra a profundidade da crença individual em Deus, mesmo em condições adversas. No entanto, o evento subsequente — quando a Pastora é atacada e morta por um lobo — provoca uma crise de fé em Félix. Ele questiona como Deus, em quem a mulher confiava, pôde

⁴³ No original: "*Felix, the son of a wise man, was given the mission to understand why men, who are surrounded by the wonders of God's creation, do not know or love Him as they should. His father said, 'Go, my son, and seek the answer to this question, for it is the key to the salvation of souls and the glory of God'*" (Lull, *Op. Cit.*, p. 660).

⁴⁴ No original: "*Sir, God is the hope, companion and comfort of my heart, and in this wood I am beneath His protection and influence, for He helps all those who trust in Him*" (*Ibid.*, p. 661).

permitir tal tragédia. Essa narrativa reflete a tensão entre as crenças individuais e a experiência prática do sofrimento humano, comum a diferentes tradições religiosas.

Félix, ao longo da obra, encontra personagens como eremitas e sábios, representando figuras religiosas e filosóficas de diferentes tradições. Em cada encontro, as crenças e práticas religiosas são debatidas. O diálogo entre Félix e um eremita sobre a existência de Deus destaca o método racional de Lúlio:

Você deve perceber que este mundo existe como uma ocasião para o bem; pois sem a ocasião para o bem, o mundo não seria um lugar tão belo como é.⁴⁵

Essa passagem não apenas articula uma visão otimista sobre a criação, mas também propõe que as dificuldades da vida são oportunidades para exercer virtudes, um conceito que transcende o cristianismo e se conecta com ideias presentes no judaísmo e no islamismo.

No *Livro das Maravilhas*, Lúlio utiliza amplamente os *exempla*. Muitas dessas histórias alegóricas, que transmitem lições morais e espirituais, têm origens em tradições orientais, como as encontradas em *Kalila e Dimna*⁴⁶. Essa obra de origem indiana, traduzida para o árabe no século VIII e para o castelhano, o latim e outras línguas a partir do século XIII, teve grande circulação no Mediterrâneo, especialmente na Península Ibérica, influenciando a literatura local⁴⁷. Essa incorporação de narrativas transculturais evidencia a circulação de ideias entre o Oriente e o Ocidente na Idade Média. Por exemplo, no Livro VII de *Félix*, O Livro das Bestas, Lúlio adapta fábulas de animais com origens nessas tradições para explorar temas como a justiça e a liderança.

A ligação entre o Livro das Bestas de Raimundo Lúlio e o estilo de *Kalila e Dimna* baseia-se em vários elementos narrativos e estruturais que são característicos das fábulas orientais. Tanto em *Kalila e Dimna* quanto no Livro das

⁴⁵ No original: "You should realize that this world exists as the occasion for good; for without occasion for good, the world would not be so beautiful a place as it is" (Llull, *Op. Cit.*, p. 661).

⁴⁶ IBN AL-MUQAFFA. *Kalila e Dimna*. Tradução, organização, introdução e notas Mamede Mustafá Jarouche. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

⁴⁷ Burnett, Charles. *Arabic into Latin in the Middle Ages: The Translators and Their Intellectual and Social Context*. Farnham: Ashgate, 2009.

Bestas, os animais são utilizados como metáforas para características humanas. Essas personificações permitem criticar comportamentos políticos e sociais⁴⁸. Assim como em *Kalila e Dimna*, o Livro das Bestas segue uma estrutura alegórica, construída como um conjunto de histórias interconectadas. Essas narrativas trazem uma moral explícita, voltada para o comportamento ideal de líderes e conselheiros. Essa organização permite que leitores ou ouvintes extraíam ensinamentos práticos das interações fictícias entre os personagens, utilizando-as como espelhos para refletir sobre desafios éticos e políticos. Ambas as obras compartilham também uma finalidade didática: educar líderes sobre ética e governança: “*Aqui termina o Livro das Bestas, que Félix levou a um rei para que ele pudesse aprender, a partir das ações das bestas, como um rei deve governar e como se proteger de maus conselhos e homens traiçoeiros*”.⁴⁹

O Livro das Bestas de Raimundo Lúlio não é uma cópia direta de *Kalila e Dimna*, mas adapta seu estilo e estrutura para um contexto cristão e europeu. Dessa forma, Lúlio promoveu a circulação cultural de ideias, adaptando elementos do *Kalila e Dimna* para o contexto europeu medieval e reforçando a relevância de sua mensagem moral e filosófica. Isto é, essa adaptação é uma forma de diálogo intertextual que permite a troca simbólica entre diferentes culturas e práticas religiosas⁵⁰.

O *Félix ou o Livro das Maravilhas* também se destaca por apresentar reflexões teológicas profundamente enraizadas no diálogo com tradições filosóficas e religiosas não cristãs. Em diversas passagens, o texto alude a conceitos universais sobre a natureza divina e a existência humana que encontram paralelos em tradições islâmicas e judaicas. Um exemplo claro disso surge quando Félix discute

⁴⁸ No *Kalila e Dimna*, por exemplo, o leão é frequentemente retratado como um governante que precisa equilibrar poder com sabedoria, enquanto conselheiros como o macaco ou a raposa simbolizam astúcia manipuladora. Esse tema é replicado por Raimundo Lúlio no Livro das Bestas, onde os animais encarnam dilemas éticos e políticos, ajudando a transmitir lições morais sobre liderança e governança.

⁴⁹ Tradução: *Here ends the Book of the Beasts, which Felix brought to a king so that he might learn, from the things done by the beasts, how a king should reign, and how to keep himself from evil counsel and from treacherous*” (Llull, 1985, Op. Cit., p. 825).

⁵⁰ Zwartjes, Otto. “Medieval Translations of Oriental Animal Fables: Cross-Cultural Adaptations.” In *Medieval Encounters*, v. 4, n. 1, p. 35-57, 1998.

com um eremita sobre a relação entre conhecimento humano e divino:

Filho, quando o intelecto do homem entende uma pedra, o sol ou alguma outra criatura, ele é mais nobre por meio desse ato de seu entendimento do que o objeto que entende; e a razão disso é que o entendimento está mais próximo dele do que o objeto que entende. Mas quando o intelecto entende Deus, ele é mais nobre em Deus do que em seu próprio entendimento, mesmo que esse entendimento esteja mais próximo dele do que de Deus.⁵¹

Essa reflexão se conecta diretamente com a filosofia islâmica medieval, particularmente com os trabalhos de pensadores como Avicena, que também enfatizavam a limitação da razão humana diante do divino, mas reconheciam sua importância como ferramenta para alcançar a compreensão espiritual⁵².

Nesse contexto de intercâmbio entre culturas, como afirma Charles Lohr⁵³, Lúlio desempenhou um papel central no diálogo intelectual entre o cristianismo, o islamismo e o judaísmo. Ele desenvolveu a *Ars* como um método lógico capaz de aproximar essas tradições religiosas, utilizando sua habilidade com a língua árabe para escrever obras destinadas a tornar as doutrinas cristãs compreensíveis para muçulmanos e judeus. Essa busca pela compreensão mútua entre tradições religiosas está presente no método lógico desenvolvido por Lúlio, como observado por Domínguez Reboiras⁵⁴. O autor reforça o papel de Lúlio como mediador ao destacar que ele via a explicação lógica das verdades religiosas como a chave para promover o entendimento entre cristãos, muçulmanos e judeus, frequentemente referidos como “as religiões do livro”.

Outrossim, Lúlio foi além de um mero diálogo filosófico e buscou integrar aspectos do *ethos* islâmico em sua prática cristã. Uma obra que reflete essa

⁵¹ No original: “*Son, when man's intellect understands a stone, the sun, or some other creature, it is nobler through this act of its understanding than is the object it understands; and the reason for this is that the understanding is closer to it than the object it understands. But when the intellect understands God, it is nobler in God than it is in its own understanding, even though this understanding is closer to it than to God*” (Llull, 1985, Op. Cit., p. 976-977).

⁵² STONE, Gregory. Ramon Llull and Islam. In: AUSTIN, Amy M.; JOHNSTON, Mark D. (eds.). *A Companion to Ramon Llull and Lullism*. Leiden: Brill, 2018.

⁵³ LOHR, Charles. The new logic of Ramón Llull. *Enrahonar: an international journal of theoretical and practical reason*, v. 18, p. 23-35, 1993. Disponível em: <https://revistes.uab.cat/enrahonar/article/view/v18-lohr>. Acesso em: 09 out. 2024.

⁵⁴ REBOIRAS, Fernando Domínguez. Ramon Llull: a bridge among Christian, Jewish and Islamic cultures. *Contributions to science*, v. 12, p. 63-70, 2017.

influência é o *Cent noms de Déu*, como destacado por Bellver⁵⁵, que aponta a inspiração luliana nos asmā' Allāh al-ḥusnā, ou os 99 nomes de Deus, uma tradição profundamente respeitada no islamismo. Com isso, Lúlio não apenas refutou a reivindicação islâmica sobre a inimitabilidade do Alcorão, mas também procurou introduzir uma prática semelhante na tradição cristã, mostrando um desejo de integrar aspectos do *ethos* islâmico na adoração cristã.

As sociedades não-modernas concebiam sua atuação no mundo como parte de um projeto maior que transcendia as fronteiras locais⁵⁶. No caso medieval, essa cosmovisão legitimava ações políticas, econômicas e missionárias, inserindo essas práticas em uma estrutura que conectava o local ao universal. Para figuras como Lúlio, atuar no mundo significava não apenas transformar comunidades específicas, mas também integrar essas comunidades a uma ordem global divina. Essa abordagem reflete a crença de que o agir humano deve estar alinhado a princípios universais, evidenciando a conexão intrínseca entre as ações no plano terreno e o propósito espiritual mais amplo.

Outro tema recorrente na obra é o papel do sofrimento humano como meio de conexão espiritual. Tal elemento estabelece mais pontos de contato entre as diferentes tradições. Em uma conversa entre Félix e um eremita, Lúlio apresenta o sofrimento como um elemento universal da experiência humana que une diferentes tradições religiosas: “Através da grandeza do erro do seu povo, Deus quer aumentar sua boa sorte, convertendo-a, através do seu sofrimento, no caminho da salvação”⁵⁷. Essa visão ressoa com conceitos presentes na teologia cristã, mas também encontra paralelos no judaísmo e no islamismo, que frequentemente entendem o sofrimento como uma oportunidade de crescimento espiritual, prova da fidelidade do crente a

⁵⁵ BELLVER, Josep. Mirroring the Islamic tradition of the names of God in Christianity: Ramon Llull's Cent Noms de Déu as a Christian Qur'ān. *Comparative Islamic Studies*, v. 2, p. 287-304, 2014. Disponível em: https://brill.com/view/journals/ihiw/2/1-2/article-p287_17.xml. Acesso em: 09 out. 2024.

⁵⁶ PENNOCK, Caroline Dodds; POWER, Amanda, 2018, *Op. Cit.*

⁵⁷ No original: “Through the greatness of your people's error, God wants to increase your good fortune, by converting it, through your suffering, into the path of salvation” (Llull, 1985, *Op. Cit.*, p. 936).

Deus, além de demonstrar o sofrimento humano interpretado como uma expressão da providência divina⁵⁸.

Entretanto, há que se destacar a pertença de Lúlio a cosmovisão cristã de sua época, e inerente ao seu lugar sócio-histórico, porém, pelo prisma de seu proselitismo, a fim de relativizar esses esforços de aproximação. Conforme relata o filósofo em sua *Vida coetânea*, após ter visto por cinco vezes imagens de Jesus crucificado, passou a seguir três objetivos: pregar para a conversão dos infiéis, escrever um livro “fosse o melhor do mundo contra os erros dos infiéis”⁵⁹ e promover a fundação de mosteiros onde os missionários pudessem estudar a língua e a cultura dos infiéis. Considerando-se um visionário, que teria recebido sua doutrina a partir de uma revelação divina, Lúlio buscou seguir o ideal apostólico e encontrar estratégias para persuadir muçulmanos e judeus da verdade que encerram os dogmas cristãos. Assim, abandonou família e bens e seguiu em uma série de viagens para centros de estudos, lugares de peregrinação do cristianismo e postos comerciais do Mediterrâneo.

Interessa-nos, portanto, reposicionar os pontos de contato estabelecidos por Lúlio entre as tradições religiosas abraâmicas dentro de seu propósito enquanto sujeito que partilhava de uma compreensão clara da estrutura global da sua sociedade e estava seguro de seu papel como agente globalizador. Isso é observável em Félix por meio dos momentos em que a narrativa explora as limitações de sistemas de crenças em relação ao ideal cristão:

Querido filho, certa vez três sábios estavam discutindo diante de um gentio: um era cristão, o outro era sarraceno e o terceiro era judeu. Na disputa entre os três, foi decidido de que maneira a verdade e a falsidade poderiam se tornar evidentes para o gentio, para que ele escolhesse a verdade e rejeitasse a falsidade. O método foi o seguinte: qualquer religião que tivesse a maior concordância com as dignidades de Deus e com as virtudes criadas, e fosse mais contrária aos vícios, seria verdadeira, e as outras contrárias a ela seriam falsas. E a razão para isso é que em Deus há grandeza de bondade, eternidade, poder, etc., e também porque a grandeza da

⁵⁸ MENDOZA, Celina A. Lértora. Las disputas interreligiosas bajomedievales. Sus presupuestos teóricos: Ramón Llull/Interfaith Mediaeval Disputes. Theoretical Budgets: Raymond Llull. *Revista Española de Filosofía Medieval*, v. 20, p. 101-119, 2013.

⁵⁹ LLULL, Raimundo. *Vida coetânea*. Coimbra: Ariadne Editora, 2004, p. 58.

verdade tem maior concordância com a grandeza das virtudes e é mais contraditória em relação aos vícios do que a pequenez da verdade. Ao contestar de acordo com esse método, o cristão provou que sua religião é verdadeira e que todas as outras são falsas, como está provado no Livro do Gentio e como está contido na *Ars demonstrativa*.⁶⁰

Esses trechos indicam como Lúlio argumenta a superioridade da fé cristã em relação a outros sistemas de crenças, destacando a centralidade da fé para transcender os limites da compreensão humana e se aproximar da verdade divina. Com isso, reitera-se a necessária relativização do papel da mediação cultural em Lúlio enquanto reconhecimento das virtudes e valores éticos comuns a todas as tradições. *Ipsa facto*, Lúlio defende consistentemente o uso da razão como meio de promover o entendimento entre as tradições religiosas.

Na perspectiva do "momento globalizante"⁶¹, marcado por intensas trocas culturais, espirituais e intelectuais entre cristãos, muçulmanos e judeus no Mediterrâneo, vale destacar que esses "momentos" não representavam apenas avanços práticos, mas simbolizavam uma renovação na maneira como essas culturas se percebiam em relação ao mundo. No caso de Lúlio, suas obras podem ser vistas como catalisadoras desse momento, na medida em que sintetizam elementos de várias tradições para promover uma visão globalizante de entendimento e fé.

Félix frequentemente utiliza argumentos racionais para interagir com os personagens que encontra, sejam eles filósofos, religiosos ou figuras do cotidiano. Um exemplo notável surge no diálogo relacionado à narrativa do monge e o rei sarraceno:

⁶⁰ No original: "Dear son, there were once three wise men disputing in front of a gentile: one was a Christian, the other a Saracen, and the third a Jew. In the dispute between the three of them it was decided in what manner truth and falsehood could be made evident to the gentile, so that he would choose truth and reject falsehood. The method was as follows: whichever religion had the greatest concordance with God's dignities and with the created virtues, and was most contrary to the vices, would be true, and the others contrary to it would be false. And the reason for this is that in God there is greatness of goodness, eternity, power, etc., and also because greatness of truth has greater concordance with greatness of virtues and is more contradictory towards vices than littleness of truth. By disputing according to this method, the Christian proved his religion to be true and all the others to be false, as is proven in the Book of the Gentile and as is contained in the *Ars demonstrative*" (Llull, 1985, *Op. Cit.*, p. 942).

⁶¹ PENNOCK, Caroline Dodds; POWER, Amanda, 2018, *Op. Cit.*

O rei então pediu ao monge que provasse, com razões necessárias, que a fé cristã era verdadeira. Nesse caso, ele se converteria ao cristianismo, seria batizado e colocaria seu país sob o domínio da Santa Igreja. O monge respondeu que não poderia demonstrar isso com razões necessárias. [...] O sarraceno ficou muito descontente com a resposta do monge, dizendo que ele havia feito mal ao tirá-lo da fé sarracena [...] se não pudesse oferecer razões necessárias sobre a fé romana. [...] O rei disse ao monge que, se não pudesse lhe dar entendimento da fé cristã, ele o faria morrer de forma cruel. O monge fugiu, e o rei morreu em erro, o que causou grande dano a ele e a toda a sua terra.⁶²

O monge, ao ser desafiado a demonstrar a veracidade da fé cristã com razões necessárias, respondeu que não poderia fazê-lo. Isso enfureceu o rei sarraceno, que considerou um erro abandonar a fé islâmica sem uma justificativa sólida para a verdade do cristianismo. O rei declarou que, sem essas provas, infligiria ao monge uma morte cruel. Para salvar sua vida, o monge fugiu e o rei morreu em estado de erro, causando grande dano a si e ao seu reino. Essa narrativa reflete o tema luliano da necessidade de articular a fé cristã com argumentos racionais, especialmente em contextos inter-religiosos. A incapacidade do monge de prover tais razões ilustra o perigo de desconsiderar a razão no diálogo teológico e político, levando a consequências trágicas.

A conclusão do episódio, em que o rei “sarraceno” morre “em estado de erro”, sublinha a crítica de Lúlio à negligência em utilizar ferramentas racionais para sustentar a verdade cristã, especialmente em interações interculturais e inter-religiosas. Isso está alinhado com os ideais defendidos na *Ars Magna*, onde Lúlio busca construir um sistema lógico universal para demonstrar verdades teológicas e promover reconciliação entre tradições⁶³.

⁶² No original: “The king then asked the monk to prove to him by necessary reasons that the Christian faith was true, in which case he would convert to Christianity and be baptized, and he would place his country beneath the dominion of the Holy Church. The monk replied that he could not demonstrate it to be true by necessary reasons. [...] The Saracen was most displeased with the monk's reply, saying that he had done a bad thing in taking him away from the Saracen faith [...] if he could not give him necessary reasons concerning the Roman faith. [...] The king told the monk that if he could not give him understanding of the Christian faith, he would make him die a cruel death. The monk fled, and the king died in error, from which came great harm to him and to all his land” (Llull, 1985, *Op. Cit.*, p. 693-694).

⁶³ Johnston, 1996, *Op. Cit.*

O *Livro das Maravilhas* reflete o compromisso missionário de Lúlio, que acreditava na possibilidade de converter não-cristãos por meio do diálogo racional e espiritual. Para ele, essa conversão deveria ser alcançada pelo convencimento e pelo apelo à razão, e não imposta pela força, uma visão alinhada ao seu ideal de demonstrar a verdade cristã universalmente. No entanto, embora Lúlio defendesse o diálogo, seu objetivo final não era um entendimento mútuo no sentido de igualdade teológica, mas sim a conversão fundamentada na superioridade racional e espiritual do cristianismo.

Esse ideal se relaciona às reflexões de Violante⁶⁴, que descreve a tentativa de Lúlio como uma busca por uma “conciliação impossível”, ao propor um terreno comum entre tradições frequentemente em conflito. Embora Lúlio estivesse consciente das barreiras entre cristãos, judeus e muçulmanos, ele acreditava que a razão poderia transcender essas divisões e demonstrar a verdade da fé cristã. Essa conciliação, no entanto, não significava aceitar todas as tradições como equivalentes, mas utilizar a razão como ponte para persuadir os não-cristãos a aderirem à sua visão da verdade.

Destarte, Lúlio também aborda a mediação cultural como um processo prático que envolve não apenas o diálogo teológico, mas também ações coletivas e comunitárias:

"Senhor," perguntou Félix, "como alguém neste mundo poderia fazer a Santa Igreja crescer e diminuir o erro daqueles que a opõem?". "Filho," respondeu o eremita, "um homem que por muito tempo trabalhou pelo bem da Igreja Romana foi a Paris e falou com o rei da França e com a Universidade de Paris sobre estabelecer mosteiros em Paris para ensinar as línguas dos descrentes, traduzir a *Ars demonstrativa* para essas línguas e enviar pessoas com essa obra aos Tártaros para pregarem e apresentarem a Arte; e também sobre trazer algumas dessas pessoas a Paris para ensinar-lhes nosso alfabeto e língua, e depois enviá-las de volta ao seu país".⁶⁵

⁶⁴ VIOLANTE, Susana Beatriz. El intento de conciliación y la imposibilidad de su realización: la inspiración en Ramon Llull. Enrahonar: quaderns de filosofia, n. Supplement Issue, p. 0313-327, 2018.

⁶⁵ No original: “‘Sir,’ asked Felix, ‘how could one in this world cause the holy Church to grow and the error of those who oppose it to diminish?’. ‘Son,’ replied the hermit, ‘a man who had long labored for the good of the Roman Church came to Paris and spoke to the king of France and to the University of Paris about establishing monasteries in Paris for teaching the languages of the unbelievers, and about translating the *Ars demonstrativa* into those languages and sending people with this *Ars demonstrativa*

Essa passagem exemplifica o compromisso de Lúlio com métodos que combinam práticas intelectuais e ações concretas para mediar entre diferentes tradições religiosas, destacando o uso da linguagem e da educação como ferramentas fundamentais nesse processo. Além de abordar o indivíduo, Lúlio enfatizava a necessidade de envolver comunidades inteiras em esforços de conversão, refletindo uma visão ampla e integradora. Como observa Mayer⁶⁶, sua abordagem estava ancorada na crença na unidade de todos os povos, que, unidos em uma única fé, conhecem, amam, temem e honram a Deus. Essa perspectiva de adoração comum, transcendente às divergências culturais, permeia toda a sua obra, evidenciando uma visão universalista.

Sob a ótica das cosmologias globalizantes, essa abordagem se conecta ao conceito de cosmovisão globalizante, que descreve como as sociedades medievais desenvolveram sistemas de pensamento que integravam o local ao universal.⁶⁷ Esses sistemas eram fundamentados na interdependência entre práticas culturais, estruturas sociais e crenças espirituais, formando um cosmos ordenado que legitimava tanto as ações humanas quanto a ordem divina. A obra de Lúlio reflete essa integração ao propor um modelo onde fé, razão e prática convergem para formar uma estrutura global. Nesse sentido, a cosmovisão globalizante não é apenas uma ideia teórica, mas uma prática concreta que orienta como as comunidades medievais se posicionavam e atuavam no mundo, consolidando uma visão de mundo tanto espiritual quanto política.

Deslocamentos físicos e imaginários

O papel transformador da circulação de ideias é central em Félix. A obra demonstra como o movimento de conceitos filosóficos e religiosos entre culturas resulta em um aprofundamento do entendimento espiritual. Essa troca é perceptível

to the Tartars to preach to them and show them the Art; and also about bringing some of these people to Paris to teach them our alphabet and language and then sending them back to their" (Llull, 1985, *Op. Cit.*, p. 982).

⁶⁶ MAYER, Annemarie C. Llull and Inter-Faith Dialogue. In: AUSTIN, Amy M.; JOHNSTON, Mark D. (eds.). *A Companion to Ramon Llull and Lullism*. Leiden: Brill, 2018, p. 148.

⁶⁷ PENNOCK, Caroline Dodds; POWER, Amanda, 2018, *Op. Cit.*

em passagens onde Félix reflete sobre o aprendizado adquirido em suas interações com diferentes figuras, como o caso do diálogo com pastor:

Félix perguntou: “Por que o firmamento tem um movimento circular?” O pastor respondeu: “Devido ao fato de que o sol e o fogo se assemelham em seu brilho, portanto, o fogo aquece a si e outras coisas mais fortemente no verão do que no inverno, uma vez que o sol tem maior brilho naqueles lugares onde é verão”.⁶⁸

Na interação entre Félix e o pastor, o uso da pergunta e resposta exemplifica o modelo didático típico de Raimundo Lúlio. Félix, representando o buscador de sabedoria, não apenas recebe respostas do pastor, mas engaja em um processo de aprendizado que é transformador. O foco na cosmologia e na observação natural reflete como os conceitos filosóficos e científicos podem ser disseminados e reinterpretados em contextos diferentes.

Embora o pastor esteja em um contexto humilde, ele demonstra um conhecimento articulado sobre o mundo natural, associando o movimento do firmamento à interação entre o sol e o fogo. Essa dinâmica entre um interlocutor aparentemente simples e um buscador mais experiente ilustra o impacto transformador da troca de ideias entre diferentes níveis de conhecimento e experiências culturais. A explicação do pastor, embora ancorada em conceitos rudimentares de astronomia, possui uma dimensão alegórica que pode ser interpretada como a interação entre culturas: tal como o sol e o fogo se influenciam, as trocas de ideias entre culturas e crenças diferentes iluminam e aquecem mutuamente. Essa visão dialoga com a missão de Lúlio de aproximar saberes diversos, como os provenientes das tradições cristã, muçulmana e judaica.

Esse fragmento exemplifica como Lúlio usa diálogos aparentemente simples para transmitir uma mensagem mais ampla sobre a busca do conhecimento e a importância da troca de ideias. Embora o contexto imediato seja cosmológico, a metáfora subjacente sobre a interação e a transformação ressoa com o papel central

⁶⁸ No original: “Felix asked, 'Why does the firmament have a circular motion?' The shepherd replied: 'Because of the fact that the sun and fire resemble each other in their brightness, therefore fire heats itself and other things more strongly in summer than in winter, since the sun has greater brightness in those places where it is summer’ (Lull, 1985, *Op. Cit.*, p. 730).

da circulação de ideias na obra Félix. Isso reflete a visão de Lúlio de que todas as formas de conhecimento, quando compartilhadas, podem contribuir para um entendimento mais profundo e universal.

Félix ficou maravilhado com as palavras do pastor, pois elas revelaram uma sabedoria que superava o comum. Ele se maravilhou com o fato de que tal sabedoria pudesse ser encontrada em um homem tão humilde e considerou o quanto o mundo poderia ganhar se essa sabedoria fosse amplamente compartilhada.⁶⁹

Essa visão integradora destaca a transformação simbólica que ocorre quando ideias circulam e se adaptam a novos contextos culturais. Para Lúlio, a circulação de ideias não implica mera assimilação, mas sim uma reinterpretação que enriquece tanto o emissor quanto o receptor.

Félix expressa surpresa e admiração pela sabedoria demonstrada pelo pastor, que, apesar de sua condição humilde e isolada, possui uma compreensão notável sobre questões profundas. Essa dinâmica desafia as hierarquias convencionais de conhecimento, sugerindo que sabedoria e entendimento não estão limitados aos círculos acadêmicos ou eclesiásticos. Lúlio utiliza esse diálogo para ilustrar como o aprendizado pode emergir de qualquer contexto e ser transformador tanto para quem ensina quanto para quem aprende. Félix menciona explicitamente as ciências da teologia e filosofia, colocando-as em contraste com a vida simples do pastor. Isso reflete um tema recorrente na obra de Lúlio: a valorização do conhecimento aplicado e experiencial em vez de uma busca puramente teórica. Lúlio sugere que a verdade pode ser encontrada fora das instituições formais de aprendizado, especialmente quando há abertura para o diálogo e a troca de perspectivas. Essa mensagem é central para sua missão intercultural e inter-religiosa, que visa transcender barreiras institucionais e culturais.

⁶⁹ No original: "*Felix wondered greatly at the shepherd's words, for they revealed a wisdom that surpassed the ordinary. He marveled at how wisdom could be found in such a humble man and considered how much the world could gain if such wisdom were widely shared*" (Lull, 1985, *Op. Cit.*, p. 736).

A interação entre Félix e o pastor exemplifica o impacto mútuo da troca de ideias. Félix, um buscador viajante, aprende com o pastor, cujo conhecimento provém de uma vida de contemplação e observação da natureza. Essa troca não apenas enriquece Félix, mas também reforça a importância de compartilhar sabedoria em diferentes contextos. Lúlio, ao apresentar essa cena, sugere que o encontro de diferentes perspectivas tem o potencial de transformar ambos os lados e contribuir para um entendimento espiritual mais profundo. Essa citação encapsula o valor que Lúlio atribui às interações que transcendem a condição social ou educacional. Ela reforça a ideia de que a circulação de ideias, mesmo em contextos aparentemente desiguais, tem um papel vital na promoção do entendimento espiritual e na valorização da diversidade de experiências. O diálogo entre Félix e o pastor simboliza o ideal luliano de aprendizado universal e colaboração entre culturas, práticas e saberes.

Considerações finais: a viagem como transformação

A viagem transcende todas as categorias, incluindo a da mudança, do mesmo, e do outro [...].⁷⁰

Conta o *Livro das Maravilhas* que, depois de muito andar e se maravilhar, Félix chegou a uma abadia, onde foi acolhido e, permanecendo ali durante um tempo, pôde contar todas as maravilhas ao abade e aos monges. Naquele mosteiro, Félix foi convencido a tornar-se monge, recebendo como ofício “viaje pelo mundo inteiro contando sobre o Livro das Maravilhas”. Contudo, “quando todas essas coisas foram organizadas e Félix estava pronto para deixar o mosteiro, ele adoeceu. E por muito tempo ele ficou doente no mosteiro, até que finalmente morreu da doença”⁷¹. Enquanto morria, Félix disse estas palavras:

⁷⁰ TODOROV, Tzvetan. A viagem e seu relato. *Revista de Letras*. São Paulo, v. 46, n.1, p. 231-244, jan./jun. 2006, p. 231. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/letras/article/view/50/44>. Consulta em: 09 out. 2024.

⁷¹ No original: “*When all these things had been arranged, and Felix was ready to leave the monastery, he fell sick. And for a long time he was ill in the monastery, until he finally died of the illness*” (LULL, 1985, *Op. Cit.*, p. 1103-1104)

Ah, glorioso Senhor Deus! Se o Senhor não fosse justo e eu não fosse digno de viver muito tempo a Seu serviço, eu me perguntaria por que o Senhor não prolonga minha vida, dando-me tempo para realizar meu propósito e cumprir minha promessa, percorrendo o mundo para ver as pessoas que não O conhecem nem O amam e por que aqueles que O servem e O amam não O servem, conhecem e amam mais. Senhor Deus, já que sou incapaz de realizar essa tarefa, que o Senhor possa conferir essa tarefa a alguém mais digno do que eu e permitir que ele realize o que eu, por falta de mérito e pela redução de minha vida, sou incapaz de realizar.⁷²

Mas Félix havia cumprido parte importante da missão que seu pai o havia dado: “Ele viajou por bosques, colinas e planícies, por desertos e cidades, visitando príncipes e cavaleiros, em castelos e cidades; e ficou maravilhado com as maravilhas deste mundo, perguntando sobre tudo o que não entendia e contando o que sabia”⁷³. Félix havia andado pelo mundo buscando maravilhas e, no final do seu percurso, recontou os exemplos e maravilhas que havia encontrado aos monges do mosteiro que o acolheu. Em seu deslocamento físico, Félix provocou mudanças em si e naqueles com quem esteve durante sua trajetória. Ao final, no mosteiro em que se instalou, o resultado de sua viagem provocou mudança também nos monges que ouviram, a cada dia, os exemplos e maravilhas que contava. Provocou mudança especialmente em um monge “que era um homem santo e de vida reta, que havia conservado o desejo de Félix em seu coração, além de ter conservado em sua memória e em seu intelecto, os exemplos e as maravilhas que Félix havia contado”⁷⁴. Esse monge, após Félix ter sido enterrado diante do altar,

Ele então implorou ao abade que lhe concedesse um favor e, ajoelhando-se diante dele e de todos os monges, com lágrimas nos

⁷² No original: “*Ah, glorious Lord God! If it were not that You are just and that I am unworthy of living a long time in Your service, I would wonder why You do not prolong my life, giving me time to accomplish my purpose and to carry out my promise, going throughout the world wondering at people who neither know nor love You and wondering why those who do serve and love You do not serve, know, and love You more. Lord God, since I am unable to carry out this task, may it please You to confer this task upon somebody worthier than I, and to let him carry out what I, through lack of merit and the shortening of my life, am unable to accomplish*” (Llull, 1985, *Op. Cit.*, 1104).

⁷³ No original: “*he went through woods, over hills and across plains, through deserts and towns, visiting princes and knights, in castles and cities; and he wondered at the wonders of this world, inquiring about whatever he did not understand and recounting what he knew*” (Llull, 1985, *Op. Cit.*, p. 660).

⁷⁴ No original: “*who was a holy man and of upright life, and who had retained Felix's wish in his heart, as well as having retained in his memory and intellect the examples and wonders that Felix had recounted*” (Llull, 1985, *Op. Cit.*, p. 1104).

olhos e grande devoção, pediu que lhe fosse dada a tarefa de Félix e que lhe fosse permitido percorrer o mundo como Félix havia sido autorizado a fazer. O abade e todos os monges concordaram com o pedido do monge e lhe deram o nome de Segundo Félix.⁷⁵

Após receber a benção do abade, o segundo Félix partiu; foi pelo mundo recontando o *Livro das Maravilhas* e ampliando-o conforme as maravilhas que encontrava. E, mais significativo ainda: “o abade e todos os monges decidiram que naquele mosteiro deveria haver sempre um monge com essa tarefa, e que ele se chamaria Félix”⁷⁶. Assim, a figura de Félix e seu ofício tornavam-se imortais, e o *Livro das Maravilhas* seria então multiplicado com as novas maravilhas que os sucessivos Félix encontrassem em seus deslocamentos pelo mundo.

O final da obra pode ser interpretado como uma metáfora que sintetiza como Lúlio imaginava e defendia o lugar da sociedade cristã no cosmos global e, a partir da compreensão desse lugar central no cosmos, buscava mobilizar conhecimentos e práticas para atingir os propósitos específicos de implantação de uma cosmologia cristã, proscrevendo a possibilidade de existência de outras cosmologias. Neste caso, os conhecimentos mobilizados se materializam no próprio *Livro das Maravilhas*, em permanente construção e disseminação por seus agentes globalizadores. Os agentes globalizadores, por sua vez, são as comunidades, representados pelos sucessivos Félix, cuja atividade missionária continuaria por todos os tempos.

Artigo recebido em 29/10/2024

Artigo aceito em 01/04/2025

⁷⁵ No original: “He then begged the abbot to grant him a favor; and kneeling down before him and all the monks, with tears in his eyes and with great devotion, he asked to be given Felix’s task, and to be allowed to go throughout the world as Felix had been allowed to do. The abbot and all the monks agreed to the monk’s request, and they gave him the name of Second Felix” (*Ibid.*, p. 1104-1105).

⁷⁶ No original: “the abbot and all the monks decided that in that monastery there should always be a monk with this task, and that he would be called Felix” (*Ibid.*, p. 1105).